

A FÉ NA CASA ESPÍRITA



RODRIGO FELIX DA
CRUZ

A MÚSICA NA CASA ESPÍRITA
Rodrigo Félix da Cruz

Publicação digital
1ª edição, abril de 2011
São Paulo – Brasil

Copyright © Todos os direitos desta obra são reservados ao autor que autoriza reproduções desde que citada a fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
DA CRUZ, RODRIGO FELIX
A FÉ NA CASA ESPÍRITA.
90 p. 14 x 21 cm
1.Espiritismo
Da Cruz, Rodrigo Felix. II Título

Ilustração da capa: http://rodrigoconstantino.blogspot.com/2008_10_01_archive.html

www.luzespirita.org.br

A FÉ NA CASA ESPÍRITA

RODRIGO FELIX DA CRUZ

Sumário

- 1 – Introdução pag. 7
- 2 – O que é Fé? pag. 10
- 3 – A Evolução da Fé pag. 12
- 4 – A Fé Espírita pag. 17
- 5 – O Emprego da Fé na Casa Espírita pag. 32
- 6 – Conclusão pag. 40
- 7 – Bibliografia pag. 41

“Mas o Justo viverá da Fé”.

Paulo - Romanos 1:17

Dedicatória:

Dedico este singelo livro ao Pai Maior e à Espiritualidade Amiga que me intuiu na redação, pois seria muita presunção me vangloriar pela autoria deste trabalho que foi feito em conjunto.

Kardec em O Livro dos Espíritos questão 459 postulou: “Os Espíritos influem sobre os nossos pensamentos e as nossas ações? Nesse sentido, a sua influência é maior do que supondes porque muito freqüentemente são eles que vos dirigem”

1

Introdução

Caro leitor,

Primeiramente gostaria de registrar meu testemunho:

Em 2008 passei por difíceis adversidades, crise familiar e crise de Identidade. Ocasão em que aprendi o motivo desta reencarnação. Então, em meio a tantas adversidades eu entrava na Casa Espírita desesperado em busca de ajuda e sedento da Palavra de Deus. Esperava ouvir palavras amigas e palestras que me dessem apoio, força e motivação para vencer tais desafios.

No entanto eu entrava e saía da mesma forma que entrara: vazio. Chegava à Casa Espírita, ouvia palestras repetitivas sobre Caridade, Lei da Causa e Efeito e de “Como é Bela a Doutrina Espírita”, ou ainda sobre “Vejam como sou inteligente e conheço bastante sobre Kardec”. Depois das palestras eu recebia o passe e voltava desolado para casa. Não pretendo menosprezar o valor dos palestrantes e nem os referidos temas. Felizmente Deus não me desamparou dando-me forças para vencer e colocou em meu caminho dois médiuns que muito me ajudaram.

O objetivo desse ensaio é defender a aplicação do Ato de Fé na Casa Espírita como apoio ao trabalho de atendimento fraterno. Para tanto abordaremos de forma simples e informal a relação entre a fé e nosso estado emocional, de saúde e vibração. Ao contrário do que muitos pensam tal emprego não constitui a contaminação da Doutrina Espírita com rituais oriundos de outras religiões.

Veremos como é possível empregar a Fé Raciocinada como forma de motivação do Ser durante os trabalhos da Casa Espírita.

2

Que é Fé?

Inicialmente recorreremos ao Dicionário para entender o que é Fé:

Fé: substantivo feminino; a) Crença religiosa; b) Conjunto de dogmas e doutrina que constituem um culto; c) Primeira das virtudes teologais: adesão ou anuência pessoal a Deus; d) Firmeza na execução de uma promessa ou compromisso; e) Crença, confiança; f) Testemunho autêntico, escrito, de certos funcionários que tem força em Juízo.

Etimologicamente falando, a palavra Fé vem do latim *fides* (fidelidade) e do grego *pistia* e significa a opinião de que algo é verdade mesmo sem qualquer tipo de prova ou verificação.

A fé é incompatível com a dúvida. Não é possível acreditamos em algo e duvidar ao mesmo tempo.

Podemos ter fé em uma pessoa, objeto/imagem, uma ideologia, uma corrente filosófica, um conjunto de regras, modelos ou dogmas de uma religião.

No senso comum para ter fé não é necessário obter provas, entendimento racional ou científico. Assim, a Fé que segue essa linha é geralmente associada a experiências pessoais e herança cultural podendo ser compartilhada com outras pessoas.

Voltando a definição que encontramos no dicionário, a expressão Fé pode assumir diferentes significados dependendo do contexto em que a empregamos, seja no discurso coloquial, seja no discurso técnico:

- **Má-fé:** quando o indivíduo ou conjunto de indivíduos age com o propósito de prejudicar o próximo. Exemplos: Contratos contendo cláusulas obscuras, propaganda enganosa, mentiras, etc.
- **Boa-fé:** quando alguém age com boa conduta e honestidade. A pessoa de boa-fé é honrada, honesta, cumpridora de seus deveres, não engana e não age com dolo.
- **Fé Pública:** designa a credibilidade conferida pela lei aos magistrados, oficiais de justiça, escrevente, oficiais de registro civil, notários e agentes dos departamentos de trânsito estaduais, todos estes no exercício de sua função. Tais representantes do Estado emitem documentos que são considerados verdadeiros sem a necessidade de qualquer comprovação de sua veracidade até o contrário seja provado. A finalidade da Fé Pública é de estabelecer segurança jurídica no Estado de Direito.
- **Fé Determinação:** é a firmeza na execução de um objetivo, promessa ou compromisso. É a crença que damos a nós mesmo, à nossa capacidade de realizar determinada tarefa.
- **Fé Religiosa:** Dentro do contexto religioso encontramos muitas acepções para o termo Fé. Pode significar lealdade a determinada religião (do latim *fides* – fidelidade). Dessa forma, podemos falar em Fé Católica, Fé Protestante, Fé Islâmica e até mesmo Fé Espírita. Fé também significa que o indivíduo aceita as visões da religião escolhida como verdadeiras. Outro significado é o compromisso do ser em sua relação com o Criador. Para muitos, fé significa simplesmente em acreditar na existência de Deus.

Na Bíblia encontramos a definição mais completa da Fé no Livro *Epístola aos Hebreus*, capítulo 11, verso 1: ***A Fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que não se vêem.*** É a esperança no Criador.

3

A evolução da Fé?

Pré-história

Desde a pré-história o homem já possuía o sentimento da Fé. Desde o período Paleolítico (500.000 à 18.000 a.C) o ser humano começou a crer na magia, possuir sentimento religioso, enterrar os mortos e protegiam os túmulos. Para este a arte nas cavernas tinha sentido de magia.

No período Neolítico (10.000 à 6.000 a.C) o homem passou a ter Fé em uma religião primitiva baseada nos fenômenos da natureza (fogo, raio, trovão, tempestades, ventos e chuvas) nos astros, etc. Por motivos religiosos construiu grandes monumento e construções com grandes pedras. A crença na vida após a morte surgiu nesse período, caracterizada pela aparição de rituais de enterro dos mortos, bem como o culto dos ancestrais.

Antiguidade

Segundo o filósofo grego Xenofonte (430 – 355 a.C), discípulo de Platão, as religiões da Antiguidade retratavam a cultura de seus povos. Ou seja, o homem passou a criar deuses conforme sua imagem e semelhança. Dessa forma, cada povo tinha sua forma peculiar de Fé em suas religiões politeístas (diversos deuses).

No Egito até a unificação dos povos do vale do Rio Nilo e o surgimento das dinastias dos Faraós (3.000 a.C), existiam vários grupos autônomos com seus próprios deuses e cultos. Durante o período dinástico (até 332 a.C) os egípcios praticavam a fé politeísta sob a direção dos Faraós e seus sacerdotes. Os Faraós

eram considerados como a personificação dos deuses e os sacerdotes eram uma classe culta e de grande poder político.

Nas religiões na Mesopotâmia a Fé também variava entre cada povo. Os Sumérios acreditavam em Anou ou Na (deus-céu), Enk ou Ea (deus-terra ou deus-água), Enlil (deus-vento) e Nir-ur-sag (Senhora da Montanha). Os Semitas (babilônios e assírios) incorporaram os deuses sumérios mudando seus nomes e hierarquia.

A relação de Fé para esses povos era de total submissão à vontade dos deuses manifestada pelos sonhos e oráculos (manifestações mediúnicas). Os antigos sumérios procuravam obter graça divina por meio de sacrifícios regulares e oferendas. Acreditavam na vida após a morte e que a alma não passava de uma sombra que habitava as trevas de Kur, espécie de inferno.

Na Grécia, os deuses representavam força, fenômenos e também impulsos e paixões humanas. Para os gregos, seus deuses moravam no monte Olimpo e de lá controlavam tudo o que se passava entre os mortais. Além dos deuses existiam os semideuses, heróis, entidades como os sátiros e ninfas, espíritos dos bosques, das águas ou das flores.

Os Romanos depois de conquistarem a Grécia adotaram vários deuses gregos latinizando seus nomes, Zeus passou a ser Júpiter como exemplo. A forma de fé romana era bem semelhante ao que seria a liturgia católica.

No período da antiguidade o povo que merece especial atenção é o povo hebreu. Este povo foi o primeiro a professar a fé no Deus único. **Depois da fé rudimentar dos povos pré-históricos a fé em um deus único foi primeiro grande passo da evolução da Fé.**

Na bíblia hebraica a palavra *emet* (fé) não significava uma crença dogmática invés disso, tem uma conotação de fidelidade ou confiança em Deus e na sua palavra. **A relação de Deus com os filhos de Israel era de compromisso, ou seja, Deus era considerado um parceiro com quem se podia pleitear.** Peça para que o leitor anote este ponto, pois iremos tratar dele oportunamente. Israel vem da palavra hebraica “lutar”. Jacó, patriarca hebreu, segunda narrativa bíblica, lutou com um anjo a fim de obter uma bênção, a partir de então teve o seu nome mudado para Israel, aquele que lutou com Deus e venceu.

Cristianismo

Com o advento do Cristo a humanidade recebeu ensinamentos tão sublimes que até hoje ainda não conseguimos compreendê-los integralmente. **Podemos dizer que o segundo grande passo da evolução da Fé foi dado pelo Cristianismo:** *“a Fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que não se vêem”* (Hebreus 11:1); é a convicção de algo idealizado se concretizará.

A Fé-submissão deu lugar à Fé-esperança. A Fé imposta deu lugar a fé que podia ser obtida pelo aprendizado.

O Cristianismo surgiu como uma seita judaica guardando estreita relação com os costumes judaicos. Depois, expandiu-se rapidamente com a conversão dos povos gentios (não judeus) chegando ao ponto de ser transformar na religião oficial do Império Romano.

Igreja Católica Apostólica Romana

A partir do Concílio de Nicéia em 325 a Igreja deixou a simplicidade do Cristianismo primitivo e passou a fixar os seus primeiros dogmas: A crença na Trindade; Jesus é simultaneamente divino e humano; A salvação é possível através

da pessoa, vida e obra de Jesus; Jesus foi concebido por uma virgem, crucificado, ressuscitou, ascendeu ao céu e voltará novamente à terra; a remissão dos pecados é possível através do batismo, etc.

Após a oficialização da Igreja houve um grande retrocesso em matéria de Fé que passou a ser dogmática nos moldes da antiga religião pagã romana. Todo aquele de pensasse diferente dos dogmas estabelecidos era considerado herege e por isso era perseguido e morto em fogueiras. Para tal tarefa a Igreja criou um departamento chamado de “Santa Inquisição”. Milhares de pessoas foram vítimas desse injusto órgão.

Reforma Protestante

Não obstante a Inquisição, no século XVI a insatisfação contra a dominação política da Igreja e sua venda de indulgências (perdão pelos pecados) culminou com a Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero.

A Bíblia deixou de ser lida em latim e passou a ser traduzida para as línguas maternas dos povos europeus. Além disso, sua interpretação passou a ser mais livre sem a interferência dos sacerdotes romanos.

Os protestantes por sua vez também criaram os seus dogmas: a salvação somente poderá ser obtida pela Fé e não pelo pagamento de indulgências; somente a Bíblia possui a palavra de Deus, sendo a única autoridade para os assuntos de Fé; a salvação somente era obtida pela graça divina, pois Deus escolhe os seus protegidos (predeterminação); a Fé no Cristo como o Salvador; Fé e glória somente em Deus, deixando os santos católicos de lado.

Iluminismo

Nos séculos XVII e XVIII, difundiu-se um movimento filosófico e científico denominado Iluminismo, ou difusão das luzes, com o objetivo de libertar o homem dos dogmas religiosos por meio do estudo da natureza mediante a ciência e razão. No entanto se de um lado houve o abuso do dogma e imposição, de outro lado passou a existir o abuso da lógica e da ciência, passando o homem acreditar que tudo pudesse ser explicado por meio da filosofia e ciência.

Immanuel Kant, em 1784 escreveu *O que é o iluminismo?*, uma crítica pelo excesso de racionalismo separando-os iluministas em três grupos: os metafísicos que pretendiam tudo compreender acerca de Deus e da imortalidade; os cientistas que presumiam nos seus resultados possuir a mais profunda e exata descrição da natureza; e os cépticos que diziam que a crença na liberdade e na imortalidade eram irracionais.

Em 1792, Kant escreveu *A Vitória do Princípio Bom sobre o Princípio Mau e a Constituição do um Reino de Deus sobre a Terra*, postulando que passagem gradual da fé eclesiástica ao domínio da pura Fé religiosa constitui a aproximação do Reino de Deus. Assim, a Fé dogmática daria lugar definitivamente para a Fé racional.

Com o Iluminismo a humanidade amadureceu para dar o terceiro passo na evolução da Fé: O Espiritismo que por sua vez promoveria a Fé raciocinada.

Em síntese, a Fé primitiva evoluiu para a Fé dogmática, que por sua vez evoluiu para a fé racional.

4

A Fé Espírita

"Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade."

Allan Kardec

O Iluminismo preparou o caminho para o surgimento do Espiritismo no papel do Cristianismo redivivo da mesma forma que João Batista preparou o caminho para a chegada de Jesus.

No início do Século XIX com o fortalecimento da burguesia que buscava a libertação do poder do Estado e da Igreja, havia grande interesse pelos intelectuais da época, especialmente na França, em aprofundar as reformas política, cultural, social, comercial e religiosa.

Nesse cenário o respeitado pedagogo **Hippolyte Léon Denizard Rivail**, sob o pseudônimo **Allan Kardec**, tendo ampla bagagem pedagógica, lingüística e filosófica, bem como interesse pelo magnetismo humano, lançou-se aos estudos da espiritualidade. Tal estudo resultou na codificação da Doutrina Espírita.

Em síntese, para a Doutrina Espírita, a Fé, os fenômenos mediúnicos, a finalidade da vida e evolução da humanidade

possuem respostas racionais obedecendo ao seu tríplice aspecto de ciência-filosofia-religião.

Para o leitor que tenha o interesse aprofundar seus conhecimentos pelo surgimento do Espiritismo, suas conseqüências, chegada e florescimento no Brasil, sugiro a leitura de *O Espiritismo em Movimentos*, trabalho de nossa autoria disponível no site www.luzespírita.org.br. Não entraremos nesses detalhes neste trabalho para não fugir ao seu objetivo de estudar a Fé na Casa Espírita.

Entretanto, ninguém melhor do que o próprio professor Allan Kardec para dar ao leitor uma boa noção sobre os fundamentos do Espiritismo:

CREDO ESPÍRITA

Preâmbulo

Os males da Humanidade provêm da imperfeição dos homens; pelos seus vícios é que eles se prejudicam uns aos outros. Enquanto forem viciosos, serão infelizes, porque a luta dos interesses gerará constantes misérias.

Sem dúvida, boas leis contribuem para melhorar o estado social, mas são impotentes para tornar venturosa a Humanidade, porque mais não fazem do que comprimir as paixões ruins, sem as eliminar. Em segundo lugar, porque são mais repressivas do que moralizadoras e só reprimem os mais salientes atos maus, sem lhes destruir as causas. Aliás, a bondade das leis guarda relação com a bondade dos homens; enquanto estes se conservarem dominados pelo orgulho e pelo egoísmo, farão leis em benefício de suas ambições pessoais. A lei civil apenas modifica a superfície; somente a lei moral pode penetrar o foro íntimo da consciência e reformá-lo.

Reconhecido, pois, que o atrito oriundo do contacto dos vícios é que faz infelizes os homens, o único remédio para seus males está em se melhorarem eles moralmente. Uma vez que nas imperfeições se encontra a causa dos males, a felicidade aumentará na proporção em que as imperfeições diminuírem.

Por melhor que seja uma instituição social, sendo maus os homens, eles a falsearão e lhe desfigurarão o espírito para a explorarem em proveito próprio. Quando os homens forem bons, organizarão boas instituições, que serão duráveis, porque todos terão interesse em conservá-las.

A questão social não tem, pois, por ponto de partida a forma de tal ou qual instituição; ela está toda no melhoramento moral dos indivíduos e das massas. Aí é que se acha o princípio, a verdadeira chave da felicidade do gênero humano, porque então os homens não mais cogitarão de se prejudicarem reciprocamente. Não basta se cubra de verniz a corrupção, é indispensável extirpar a corrupção.

O princípio do melhoramento está na natureza das crenças, porque estas constituem o móvel das ações e modificam os sentimentos. Também está nas idéias inculcadas desde a infância e que se identificam com o Espírito; está ainda nas idéias que o desenvolvimento ulterior da inteligência e da razão podem fortalecer, nunca destruir.

É pela educação, mais do que pela instrução, que se transformará a Humanidade.

O homem que se esforça seriamente por se melhorar assegura para si a felicidade, já nesta vida. Além da satisfação que proporciona à sua consciência, ele se isenta das misérias materiais e morais, que são a conseqüência inevitável das suas imperfeições. Terá calma, porque as vicissitudes só de leve o roçarão. Gozará de saúde, porque não estragará o seu corpo com os excessos. Será rico, porque rico é sempre todo aquele que sabe contentar-se com o necessário. Terá a paz do espírito, porque não experimentará necessidades fictícias, nem será atormentado pela sede das honrarias e do supérfluo, pela febre da ambição, da inveja e do ciúme. Indulgente para com as imperfeições alheias, menos sofrimentos lhe causarão elas, que, antes, lhe inspirarão piedade e não cólera. Evitando tudo o que possa prejudicar o seu próximo, por palavras e por atos, procurando, ao invés, fazer tudo o que possa ser útil e agradável aos outros, ninguém sofrerá com o seu contacto.

Garante a sua felicidade na vida futura, porque, quanto mais ele se depurar, tanto mais se elevará na hierarquia dos seres

inteligentes e cedo abandonará esta terra de provações, por mundos superiores, porquanto o mal que haja reparado nesta vida não terá que o reparar em outras existências; porquanto, na erraticidade, só encontrará seres amigos e simpáticos e não será atormentado pela visão incessante dos que contra ele tenham motivos de queixa. Vivam juntos alguns homens, animados desses sentimentos, e serão tão felizes quanto o comporta a nossa terra. Ganhem assim, passo a passo, esses sentimentos todo um povo, toda uma raça, toda a Humanidade e o nosso globo tomará lugar entre os mundos ditosos. Será isto uma utopia, uma quimera? Sê-lo-á para aquele que não crê no progresso da alma; não o será, para aquele que crê na sua perfectibilidade indefinida.

O progresso geral é a resultante de todos os progressos individuais; mas, o progresso individual não consiste apenas no desenvolvimento da inteligência, na aquisição de alguns conhecimentos. Nisso mais não há do que uma parte do progresso, que não conduz necessariamente ao bem, pois que há homens que usam mal do seu saber.

O progresso consiste, sobretudo, no melhoramento moral, na depuração do Espírito, na extirpação dos maus germens que em nós existem. Esse o verdadeiro progresso, o único que pode garantir a felicidade ao gênero humano, por ser o oposto mesmo do mal. Muito mal pode fazer o homem de inteligência mais cultivada; aquele que se houver adiantado moralmente só o bem fará. É, pois, do interesse de todo o progresso moral da Humanidade.

Mas, que importam a melhora e a felicidade das gerações futuras, àquele que acredita que tudo se acaba com a vida? Que interesse tem ele em se aperfeiçoar, em se constringer, em domar suas paixões inferiores, em se privar do que quer que seja a benefício de outrem? Nenhum.

A própria lógica lhe diz que seu interesse está em gozar depressa e por todos os meios possíveis, visto que amanhã, talvez, ele nada mais será.

A doutrina do "nada" é a paralisia do progresso humano, porque circunscreve as vistas do homem ao imperceptível ponto da presente existência; porque lhe restringe as idéias e as concentra forçosamente na vida material. Com essa doutrina, o homem nada sendo antes, nem depois, cessando com a vida todas as relações

sociais, a solidariedade é vã palavra, a fraternidade uma teoria sem base, a abnegação em favor de outrem mero embuste, o egoísmo, com a sua máxima — cada um por si, um direito natural; a vingança, um ato de razão; a felicidade, privilégio do mais forte e dos mais astuciosos; o suicídio, o fim lógico daquele que, baldo de recursos e de expedientes, nada mais espera e não pode safar-se do tremedal⁴. Uma sociedade fundada sobre o "nadismo" traria em si o gérmen de sua próxima dissolução.

Outros, porém, são os sentimentos daquele que tem fé no futuro; que sabe que nada do que adquiriu em saber e em moralidade lhe estará perdido; que o trabalho de hoje dará seus frutos amanhã; que ele próprio fará parte das gerações porvindouras, mais adiantadas e mais ditosas. Sabe que, trabalhando para os outros, trabalha para si mesmo. Sua visão não se detém na Terra, abrange a infinidade dos mundos que lhe servirão um dia de morada; entrevê o glorioso lugar que lhe caberá, como o de todos os seres que alcançam a perfeição.

Com a fé na vida futura, dilata-se-lhe o círculo das idéias; o porvir lhe pertence; o progresso pessoal tem um fim, uma utilidade real. Da continuidade das relações entre os homens nasce a solidariedade; a fraternidade se funda numa lei da Natureza e no interesse de todos.

A crença na vida futura é, pois, elemento de progresso, porque estimula o Espírito; somente ela pode dar ao homem coragem nas suas provas, porque lhe fornece a razão de ser dessas provas, perseverança na luta contra o mal, porque lhe assina um objetivo. A formar essa crença no espírito das massas é, portanto, o em que devem aplicar-se os que a possuem.

Entretanto, ela é inata no homem. Todas as religiões a proclamam. Por que, então, não deu, até hoje, os resultados que se deviam esperar? É que, em geral, a apresentam em condições que a razão não pode aceitar. Conforme a pintam, ela rompe todas as relações com o presente; desde que tenha deixado a Terra, a criatura se torna estranha à Humanidade: nenhuma solidariedade existe entre os mortos e os vivos; o progresso é puramente individual; cada um, trabalhando para o futuro, unicamente para si trabalha, só em si pensa e isso mesmo para uma finalidade vaga, que nada tem de definido, nada de positivo, sobre que o pensamento se firme com

segurança; enfim, porque é mais uma esperança que uma certeza material. Daí resulta, para uns, a indiferença, para outros, uma exaltação mística que, isolando da Terra o homem, é essencialmente prejudicial ao progresso real da Humanidade, porquanto negligencia os cuidados que reclama o progresso material, para o qual a Natureza lhe impõe o dever de contribuir.

Todavia, por muito incompletos que sejam os resultados, não deixam de ser efetivos. Quantos homens não se sentiram encorajados e sustentados na senda do bem por essa vaga esperança! Quantos não se detiveram no declive do mal, pelo temor de comprometer o seu futuro! Quantas virtudes nobres essa crença não desenvolveu! Não desdenhemos as crenças do passado, por imperfeitas que sejam, quando conduzem ao bem: elas estavam em correspondência com o grau de adiantamento da Humanidade.

Mas, tendo progredido, a Humanidade reclama crenças em harmonia com as novas idéias. Se os elementos da fé permanecem estacionários e ficam distanciados pelo espírito, perdem toda influência; e o bem que hajam produzido, em certo tempo, não pode prosseguir, porque aqueles elementos já não se acham à altura das circunstâncias.

Para que a doutrina da vida futura doravante dê os frutos que se devem esperar, é preciso, antes de tudo, que satisfaça completamente à razão; que corresponda à idéia que se faz da sabedoria, da justiça e da bondade de Deus; que não possa ser desmentida de modo algum pela Ciência. É preciso que a vida futura não deixe no espírito nem dúvida, nem incerteza; que seja tão positiva quanto a vida presente, que é a sua continuação, do mesmo modo que o amanhã é a continuação do dia anterior. É necessário seja vista, compreendida e, por assim dizer, tocada com o dedo. Faz-se mister, enfim, que seja evidente a solidariedade entre o passado, o presente e o futuro, através das diversas existências.

Tal a idéia que da vida futura apresenta o Espiritismo, O que a essa idéia dá força é que ela absolutamente não é uma concepção humana com o mérito apenas de ser mais racional, sem contudo oferecer mais certeza do que as outras. É o resultado de estudos feitos sobre os testemunhos oferecidos por Espíritos de diferentes categorias, nas suas manifestações, que permitiram se explorasse a vida extracorpórea em todas as fases, desde o extremo superior ao extremo inferior da escala dos seres. As peripécias da vida futura, por conseguinte, já não constituem uma simples teoria, ou uma

hipótese mais ou menos provável: decorrem de observações. São os habitantes do mundo invisível que vêm, eles próprios, descrever os seus respectivos estados e há situações que a mais fecunda imaginação não conceberia, se não fossem patenteadas aos olhos do observador.

Ministrando a prova material da existência e da imortalidade da alma, iniciando-nos em os mistérios do nascimento, da morte, da vida futura, da vida universal, tornando-nos palpáveis as inevitáveis conseqüências do bem e do mal, a Doutrina Espírita, melhor do que qualquer outra, põe em relevo a necessidade da melhoria individual. Por meio dela, sabe o homem donde vem, para onde vai, por que está na Terra; o bem tem um objetivo, uma utilidade prática. Ela não se limita a preparar o homem para o futuro, forma-o também para o presente, para a sociedade. Melhorando-se moralmente, os homens prepararão na Terra o reinado da paz e da fraternidade.

A Doutrina Espírita é assim o mais poderoso elemento de moralização, por se dirigir simultaneamente ao coração, à inteligência e ao interesse pessoal bem compreendido.

Por sua mesma essência, o Espiritismo participa de todos os ramos dos conhecimentos físicos, metafísicos e morais. São inúmeras as questões que ele envolve, as quais, no entanto, podem resumir-se nos pontos seguintes que, considerados verdades inconcussas, formam o programa das crenças espíritas. (Obras Póstumas, Allan Kardec, 99 - CREDO ESPÍRITA - Preâmbulo.)

Ao tratar sobre a crença/Fé na vida futura, o texto acima deixa bem claro a função educadora do Espiritismo que tem o objetivo de auxiliar o Ser humano para que este possa atingir sua finalidade divina: a perfeição moral.

Kardec esclarece que nem a céptica crença no nada pode fazer a renovação moral do homem, nem a corrente oposta que é a do dogmatismo religioso. Portanto o Espiritismo vem como proposta de equilíbrio – **A Fé Raciocinada que nos leva a evolução moral por meio da reforma íntima.**

Leon Denis, um dos principais continuadores de Kardec fez uma brilhante síntese sobre a Fé dentro do Espiritismo:

FÉ, ESPERANÇA, CONSOLAÇÕES

Leon Denis

A fé é a confiança da criatura em seus destinos, é o sentimento que a eleva à infinita Potestade, é a certeza de estar no caminho que vai ter à verdade. A fé cega é como farol cujo vermelho clarão não pode traspasar o nevoeiro; a fé esclarecida é foco elétrico que ilumina com brilhante luz a estrada a percorrer.

Ninguém adquire essa fé sem ter passado pelas tribulações da dúvida, sem ter padecido as angústias que embaraçam o caminho dos investigadores. Muitos param em esmorecida indecisão e flutuam longo tempo entre opostas correntezas. Feliz quem crê, sabe, vê e caminha firme.

A fé então é profunda, inabalável, e habilita-o a superar os maiores obstáculos. Foi neste sentido que se disse que a fé transporta montanhas, pois, como tais, podem ser consideradas as dificuldades que os inovadores encontram no seu caminho, ou seja, as paixões, a ignorância, os preconceitos e o interesse material.

Geralmente se considera a fé como mera crença em certos dogmas religiosos, aceitos sem exame. Mas a verdadeira fé está na convicção que nos anima e nos arrebatava para os ideais elevados.

Há a fé em si próprio, em uma obra material qualquer, a fé política, a fé na pátria. Para o artista, para o pensador, a fé é o sentimento do ideal, é a visão do sublime fanal aceso pela mão divina nos alcantis eternos, a fim de guiar a Humanidade ao Bem e à Verdade.

É cega a fé religiosa que anula a razão e se submete ao juízo dos outros, que aceita um corpo de doutrina verdadeiro ou falso, e dele se torna totalmente cativa. Na sua Impaciência e nos seus

excessos, a fé cega recorre facilmente à perfídia, à subjugação, conduzindo ao fanatismo.

Ainda sob este aspecto, é a fé um poderoso incentivo, pois tem ensinado os homens a se humilharem e a sofrerem. Pervertida pelo espírito de domínio, tem sido a causa de muitos crimes, mas, em suas conseqüências funestas, também deixa transparecer suas grandes vantagens.

Ora, se a fé cega pôde produzir tais efeitos, que não realizará a fé esclarecida pela razão, a fé que julga, discerne e compreende? Certos teólogos exortam-nos a desprezar a razão, a renegá-la, a rebatê-la.

Deveremos por isso repudiá-la, mesmo quando ela nos mostra o bem e o belo? Esses teólogos alegam os erros em que a razão caiu e parecem, lamentavelmente, esquecer que foi a razão que descobriu esses erros e ajudou-nos a corrigi-los.

A razão é uma faculdade superior, destinada a esclarecer-nos sobre todas as coisas. Como todas as outras faculdades, desenvolve-se e engrandece pelo exercício.

A razão humana é um reflexo da Razão eterna. É Deus em nós, disse São Paulo. Desconhecer-lhe o valor e a utilidade é menosprezar a natureza humana, é ultrajar a própria Divindade. Querer substituir a razão pela fé é ignorar que ambas são solidárias e inseparáveis, que se consolidam e vivificam uma à outra. A união de ambas abre ao pensamento um campo mais vasto: harmoniza as nossas faculdades e traz-nos a paz interna.

A fé é mãe dos nobres sentimentos e dos grandes feitos. O homem profundamente firme e convicto é Imperturbável diante do perigo, do mesmo modo que nas tribulações. Superior às lisonjas, às seduções, às ameaças, ao bramir das paixões, ele ouve uma voz ressoar nas profundezas da sua consciência, instigando-o à luta, encorajando-o nos momentos perigosos.

Para produzir tais resultados, necessita a fé repousar na base sólida que lhe oferecem o livre exame e a liberdade de pensamento. Em vez de dogmas e mistérios, cumpre-lhe reconhecer tão-somente

princípios decorrentes da observação direta, do estudo das leis naturais. Tal é o caráter da fé espírita.

A filosofia dos Espíritos vem oferecer-nos uma fé racional e, por isso mesmo, robusta, O conhecimento do mundo invisível, a confiança numa lei superior de justiça e progresso imprime a essa fé um duplo caráter de calma e segurança.

Efetivamente, que poderemos temer, quando sabemos que a alma é imortal e quando, após os cuidados e consumições da vida, além da noite sombria em que tudo parece afundar-se, vemos despontar a suave claridade dos dias infindáveis?

Essencializados da idéia de que esta vida não é mais que um instante no conjunto da existência integral, suportaremos, com paciência, os males inevitáveis que ela engendra. A perspectiva dos tempos que se nos abrem dar-nos-á o poder de dominar as mesquinhas presentes e de nos colocarmos acima dos vaivéns da fortuna. Assim, sentir-nos-emos mais livres e mais bem armados para a luta.

O espírita conhece e compreende a causa de seus males; sabe que todo sofrimento é legítimo e aceita-o sem murmurar; sabe que a morte nada aniquila, que os nossos sentimentos perduram na vida de além-túmulo e que todos os que se amaram na Terra tornam a encontrar-se, libertos de todas as misérias, longe desta lutuosa morada; conhece que só há separação para os maus. Dessas crenças resultam-lhe consolações que os indiferentes e os cépticos ignoram.

Se, de uma extremidade a outra do mundo, todas as almas comungassem nessa fé poderosa, assistiríamos à maior transformação moral que a História jamais registrou.

Mas essa fé, poucos ainda a possuem, O Espírito de Verdade tem falado à Terra, mas insignificante número o tem ouvido atentamente. Entre os filhos dos homens, não são os poderosos os que o escutam, e, sim, os humildes, os pequenos, os deserdados, todos os que têm sede de esperança. Os grandes e os afortunados têm rejeitado os seus ensinamentos, como há dezenove séculos repeliram o próprio Cristo.

Os membros do clero e as associações sábias coligaram-se contra esse “desmancha-prazeres”, que vinha comprometer os interesses, o repouso e derruir-lhes as afirmações.

Poucos homens têm a coragem de se desdizerem e de confessarem que se enganaram. O orgulho escraviza-os totalmente! Preferem combater toda a vida esta verdade ameaçadora que vai arrasar suas obras efêmeras.

Outros, muito secretamente, reconhecem a beleza, a magnitude desta doutrina, mas se atemorizam ante suas exigências morais. Agarrados aos prazeres, almejando viver a seu gosto, Indiferentes à existência futura, afastam de seus pensamentos tudo quanto poderia induzi-los a repudiar hábitos que, embora reconheçam como perniciosos, não deixam de ser afagados. Que amargas decepções irão colher por causa dessas loucas evasivas!

A nossa sociedade, absorvida completamente pelas especulações, pouco se preocupa com o ensino moral. Inúmeras opiniões contraditórias chocam-se; no meio desse confuso turbilhão da vida, o homem poucas vezes se detém para refletir. Mas todo ânimo sincero, que procura a fé e a verdade, há de encontrá-la na revelação nova. Um influxo celeste estender-se-á sobre ele a fim de guiá-lo para esse sol nascente, que um dia Iluminará a Humanidade Inteira. (Leon Denis, Depois da Morte, Quinta Parte, cap. 44.)

A Fé é obtida pelo exercício da razão por meio das sucessivas existências. Somos criados por Deus simples e ignorantes com o propósito de nos aperfeiçoar pelo aprendizado e pelos méritos de nossos atos.

Segundo a Doutrina Espírita, a Fé dogmática é muito perigosa, pois conduz o homem ao fanatismo, e este por sua vez conduz o homem ao crime. Quantas barbaridades foram feitas em nome da Fé – Inquisição, matanças, guerras santas, etc.

Pelo exercício da razão, o homem que goza de liberdade de pensamento e faz o livre exame das questões e dos princípios que

regem o universo, este alcança a Fé Raciocinada entendendo que as adversidades da vida existem para seu aperfeiçoamento e assim conquista forças para vencê-las.

A existência passa a ter sentido e não há segredos sobre sua finalidade e futuro no além-túmulo.

Em resumo, na Fé Raciocinada os dogmas são substituídos por princípios inteligíveis para todos que queira estudá-los.

O poder da Fé para a Doutrina Espírita

Em continuação ao estudo da Fé Espírita abordaremos a força da Fé Raciocinada defendida por Kardec, para tanto trazemos um trecho do Capítulo XIX do *Evangelho Segundo o Espiritismo*:

1 Quando ele veio ao encontro do povo, um homem se lhe aproximou e, lançando-se de joelhos a seus pés, disse: Senhor, tem piedade do meu filho, que é lunático e sofre muito, pois cai muitas vezes no fogo e muitas vezes na água. Apresentei-o aos teus discípulos, mas eles não o puderam curar.

Jesus respondeu dizendo: Ó raça incrédula e depravada, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui esse menino. - E tendo Jesus ameaçado o demônio, este saiu do menino, que no mesmo instante ficou são. Os discípulos vieram então ter com Jesus em particular e lhe perguntaram: Por que não pudemos nós outros expulsar esse demônio? - Respondeu-lhes Jesus: Por causa da vossa incredulidade. Pois em verdade vos digo, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: Transporta-te daí para ali e ela se transportaria, e nada vos seria impossível. (S. MATEUS, cap. XVII, vs. 14 a 20.)

2. No sentido próprio, é certo que a confiança nas suas próprias forças toma o homem capaz de executar coisas materiais, que não consegue fazer quem duvida de si. Aqui porém unicamente no sentido moral se devem entender essas palavras. As montanhas que a fé desloca são as dificuldades, as resistências, a má-vontade, em suma, com que se depara da parte dos homens, ainda quando se trate das melhores coisas. Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas

são outras tantas montanhas que barram o caminho a quem trabalha pelo progresso da Humanidade. A fé robusta dá a perseverança, a energia e os recursos que fazem se vençarem os obstáculos, assim nas pequenas coisas, que nas grandes. Da fé vacilante resultam a incerteza e a hesitação de que se aproveitam os adversários que se têm de combater; essa fé não procura os meios de vencer, porque não acredita que possa vencer.

3. *Noutra acepção, entende-se como fé a confiança que se tem na realização de uma coisa, a certeza de atingir determinado fim. Ela dá uma espécie de lucidez que permite se veja, em pensamento, a meta que se quer alcançar e os meios de chegar lá, de sorte que aquele que a possui caminha, por assim dizer, com absoluta segurança. Num como noutro caso, pode ela dar lugar a que se executem grandes coisas. A fé sincera e verdadeira é sempre calma; faculta a paciência que sabe esperar, porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, tem a certeza de chegar ao objetivo visado. A fé vacilante sente a sua própria fraqueza; quando a estimula o interesse, toma-se furibunda e julga suprir, com a violência, a força que lhe falece. A calma na luta é sempre um sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, denota fraqueza e dúvida de si mesmo.*

4. *Cumpra não confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se conjuga à humildade; aquele que a possui deposita mais confiança em Deus do que em si próprio, por saber que, simples instrumento da vontade divina, nada pode sem Deus. Por essa razão é que os bons Espíritos lhe vêm em auxílio. A presunção é menos fé do que orgulho, e o orgulho é sempre castigado, cedo ou tarde, pela decepção e pelos malogros que lhe são infligidos.*

5. *O poder da fé se demonstra, de modo direto e especial, na ação magnética; por seu intermédio, o homem atua sobre o fluido, agente universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá uma impulsão por assim dizer irresistível. Daí decorre que aquele que a um grande poder fluídico normal junta ardente fé, pode, só pela força da sua vontade dirigida para o bem, operar esses singulares fenômenos de cura e outros, tidos antigamente por prodígios, mas que não passam de efeito de uma lei natural. Tal o motivo por que Jesus disse a seus apóstolos: se não o curastes, foi porque não tínheis fé.*

Da leitura do trecho acima podemos concluir que a Fé robusta eleva o padrão vibratório do homem que se liberta do orgulho e egoísmo.

Nesse estado de elevação o homem consegue entender claramente sua meta existência e coloca-se em sintonia com os Espíritos Elevados que por sua vez manipulam o Fluido Cósmico Universal (matéria elementar) modificando suas qualidades e por fim, direciona tal fluido manipulado ao nosso objetivo. Por isso Jesus disse: *se não o curastes, foi porque não tínheis fé.*

Para encerrar este capítulo trazemos ao leitor frases de Emmanuel trazidas pela psicografia de Chico Xavier que poderão sedimentar a definição de Fé Espírita:

A árvore da **fé viva** não cresce no coração, miraculosamente. **Emmanuel** - (Vinha de Luz)

Ninguém pode, em sã consciência, transferir, de modo integral, a **vibração da fé** ao espírito alheio, porque, realmente, isso é tarefa que compete a cada um. **Emmanuel** - (Vinha de Luz)

Admitir a verdade, procurá-la e acreditar nela são atitudes para todos; contudo, **reter a fé viva** constitui a realização divina dos que trabalharam, porfiaram e sofreram pela adquirir. **Emmanuel** - (Pão Nosso).

Ter **fé** é guardar no coração a luminosa certeza em Deus, certeza que ultrapassou o âmbito da **crença religiosa**, fazendo o coração repousar numa energia constante de realização divina da personalidade.

Conseguir a **fé** é alcançar a possibilidade de não mais dizer: “eu creio”, mas afirmar: “eu sei”, com todos os valores da razão tocados pela luz do sentimento. Essa **fé** não pode estagnar em nenhuma circunstância da vida e sabe trabalhar sempre, intensificando a amplitude de sua iluminação, pela dor ou pela responsabilidade, pelo

esforço e pelo dever cumprido.

Traduzindo a certeza na assistência de **Deus**, ela exprime a confiança que sabe enfrentar todas as lutas e problemas, com a luz divina no coração, e significa a humildade **redentora** que edifica no íntimo do espírito a disposição sincera do discípulo, relativamente ao "faça-se no escravo a vontade do Senhor" .

- **Acreditar** é uma expressão de crença, dentro da qual os legítimos valores da **fé** se encontram embrionários.

O ato de crer em alguma coisa demanda a necessidade do sentimento e do raciocínio, para que a alma edifique a **fé** em si mesma.

- Admitir as afirmativas mais estranhas, sem um exame minucioso, é caminhar para o desfiladeiro do absurdo, onde os fantasmas dogmáticos conduzem as criaturas a todos os despautérios.
- Mas também interferir nos problemas essenciais da vida, sem que a razão esteja iluminada pelo sentimento, é buscar o mesmo declive onde os fantasmas impiedosos da negação conduzem as almas a muitos crimes.
- Toda dúvida que se manifesta na alma cheia de boa-vontade, que não se precipita em definições apriorísticas dentro de sua sinceridade, ou que não busca a malícia para contribuir em suas cogitações, é um elemento benéfico para a alma, na marcha da inteligência e do coração rumo à luz sublimada da **fé**.
- Toda curiosidade sadia é natural. Portanto, é justa a preocupação dominante em muitos estudiosos do Espiritismo, pelas revelações do plano superior, a título de enriquecimento da **fé**. O homem, no entanto, deve compreender que a solução desses problemas lhe chegará naturalmente, depois de resolvida a sua situação de devedor ante os seus semelhantes, fazendo-se, então, credor das revelações divinas.

A vida humana, nas suas características de trabalho pela redenção espiritual, apresenta muitos bens preciosos aos olhos dos Espíritos desencarnados, que já adquiriram muitos valores em matéria de **fé**, na seqüência das lutas, esforços e sacrifícios de cada um. Porém, o tesouro maior da existência terrestre reside na consciência reta e pura, iluminada pela **fé** e edificada no cumprimento de todos os deveres mais elevados. **Emmanuel** (O Consolador).

5

O Emprego da Fé na Casa Espírita

Tens fé? Tem-na em ti mesmo, diante de Deus.”

Paulo - Romanos 14:22

Depois das elucidações teóricas sobre a Fé agora abordaremos a parte prática da Fé.

Como aprendemos no capítulo anterior, na Doutrina Espírita a Fé é alcançada por meio do exercício.

Para fins didáticos vamos dividir este capítulo em duas partes: Aos assistidos e aos trabalhadores.

Aos Assistidos:

Em primeiro lugar gostaria de registrar que as coisas de Deus são simples para que até as pessoas mais leigas e humildes possam entender. O Homem com suas teses filosóficas e religiosas tem o interesse em complicar e obscurecer tudo para tomar para si o poder de influência sobre o próximo. A História nos provou isso conforme observamos no terceiro capítulo.

Em matéria de Fé não poderia ser diferente, por isso trataremos sobre a prática da Fé de forma bem simples, pois sempre a prática foi mais simples que a teoria.

Antes de tudo, **é indispensável que você se valorize**. É isso mesmo: Você tem muito valor para Deus. Deus nos criou à sua imagem e semelhança, por isso o Cristo disse: *“Vós sois Deuses”*. Se não tivéssemos tanto valor assim, o Criador não teria enviado ao nosso mundo Jesus Cristo para nos instruir.

“E tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho”. João – 14: 13. Consultando o texto original que foi escrito em grego, a palavra **pedirdes** tem o sentido de **determinar**.

Portanto, nos devemos nos valorizar e não apenas pedir uma bênção, mas **determinar** e tomar posse em nome de Jesus, pois Este determinará o auxílio de sua espiritualidade. Trata-se de um direito inalienável que todos nós temos diante de Deus. Para entender essa direito, basta lembrar que o **Pensamento é uma potente força criadora**.

Quem quiser se aprofundar sobre esta importante força, o Pensamento, pode consultar nosso trabalho *O Pensamento*, também disponível para download no site www.luzespírita.org.br.

Não se assustem com as afirmações acima de que devemos nos valorizar, determinar e tomar posse da bênção em nome de Jesus, pois **somos nós que fazemos a obra de Deus** com a autorização do Governador Mundial Sr. Jesus, o Cristo. Temos diversos exemplos disto registrado nos textos bíblicos dentre eles destacamos o exemplo do Apóstolo Paulo na cidade de Listra quando curou uma pessoa com problemas nos pés: *E estava em Listra certo varão leso dos pés, coxo desde o seu nascimento, o qual nunca tinha andado. Este ouviu falar Paulo, que, fixando nele os*

olhos, e vendo que tinha Fé para ser curado, disse em voz alta: Levanta-te direito sobre os teus pés. E ele saltou e andou (Atos 14:8-10).

Depois de aprender que temos valor para Deus, determinar que em nome de Jesus tomemos posse da bênção que pedimos, **devemos falar ao Monte** – *“Qualquer que disser a este monte: Levanta-te e lança-te no mar.”* (Marcos 11:23) – ou seja, determinar pela força de nosso Pensamento que o monte (adversidade) saia de nossa frente. Nesse momento damos ignição ao motor da espiritualidade, pois a Fé é o combustível e palavra/pensamento é o veículo.

É importante lembrar que após ligarmos o motor do veículo precisamos de confiança para dar partida, dirigir o veículo e chegar ao destino. Dessa forma, **depois de elevado nosso padrão vibratório por meio da Fé Determinação não podemos deixar o motor morrer (perder o padrão vibratório)** deixando a dúvida entrar em nosso coração – *E não duvidar em seu coração...* (Marcos 11:23) e ao invés disso devemos – *Mas crer que se fará aquilo que diz...* (Marcos 11:23).

Na leitura atenta dessa passagem bíblica – Marcos 11:23 – observamos que devemos crer não naquilo que pedimos, mas crer naquilo de dizemos, ou seja, naquilo que nosso Pensamento vibra. Não se trata de milagre, trata-se da manipulação do Fluido Cósmico Universal, alcançada quando elevamos nosso padrão vibratório pela auto-valorização e Fé Determinação.

Depois de ligado o motor do veículo, trafegado pelas estradas estreitas e sinuosas da vida, vem o momento então de chegar ao nosso destino: *Tudo o que disser lhe será feito* (Marcos 11:23).

Devemos sempre ter em mente que tudo está subordinado ao nosso mérito e à pertinência daquilo que pedimos, pois temos

um plano traçado por nós mesmos antes desta reencarnação, no entanto, temos o nosso livre arbítrio para até mesmo mudar o rumo de nossa jornada.

Também é importante lembrar de que Deus não é nosso gênio da garrafa para pedirmos tudo, devemos fazer primeiro aquilo que está em nosso alcance e depois recorrer ao Criador para aquilo que não conseguimos alcançar. Kardec em suas obras deixou a seguinte frase: ***Ajuda-te que o Céu te Ajudará.***

Muitos podem ficar assombrados com nossas afirmações dizendo, parece que estou lendo um livro escrito por um evangélico ou por um escritor de auto-ajuda. Diante disso lembramos que nós que estamos na Doutrina dos Espíritos somos Espíritas Cristão, professando uma doutrina que é a renovação do Cristianismo, bem como também seguimos uma doutrina dinâmica que evolui com o tempo.

Se nossos irmãos evangélicos e escritores de auto-ajuda fazem boas obras, por que não podemos aproveitar isso dentro do Espiritismo? Como resposta Kardec no *Evangelho Segundo o Espiritismo* dividiu o texto bíblico em duas partes, a parte moral que é eterna e a parte civil/social que evolui com o tempo.

Nós espíritas do século XVI devemos carregar duas sacolas, uma com fundo bem costurado e outra com fundo descosturado. Aquilo que for bom devemos guardar na sacola boa e aquilo que não for bom para nós, guardaremos na sacola descosturada.

Se fizermos uma análise livre de preconceitos, veremos que temos muito mais coisas em comum do que diferenças e que muitas coisas que parecem diferentes são iguais, tendo apenas nomes diferentes, exemplo revelação e reencarnação, ressurreição e reencarnação e anjos e benfeitores, Purgatório e Umbral, Reino de Deus e Mundos Felizes.

O amigo leitor tem todo o direito de ler e analisar o que defendemos e refletir se o que leu é útil ou não para sua vida. Estamos no período da Fé Racional e não da Fé Dogmática. Somos livre-pensadores.

Para encerrar nossa mensagem aos Assistidos da Casa Espírita, não podemos deixar de falar na oração. Kardec ensinou que a oração é nosso momento íntimo com Deus no qual podemos pedir, agradecer e louvar a Deus. Fé e oração estão estreitamente ligadas.

Para entender a oração usaremos do recurso da comparação.

A oração é semelhante ao Processo Judicial no qual fazemos uma petição dirigida a uma autoridade Judiciária relacionando todos os nossos direitos face ao réu que é uma adversidade da vida. Justificamos nossos direitos e requeremos providências pela solução do conflito. A autoridade analisa nosso pedido, examina sua pertinência, estuda a parte contrária e dá sua Sentença. Ou seja, devemos pleitear com Deus da mesma forma que Jacó fez.

No ramo Jurídico dizemos que quem não busca seu direito não obtém a justiça. O Cidadão deve provocar o Poder Judiciário para conseguir os seus direitos.

Quando ficarmos parados, dificilmente algo será feito em nosso auxílio. E para piorar a situação, devido à educação religiosa que recebemos, muitas vezes fazemos **a oração dos derrotados** (me perdoem a expressão) na qual ficamos num triste petitório lamentando a vida e mendigando a ajuda de Deus.

Deus não quer seus filhos infelizes, o Seu interesse é pelo nosso aprendizado e Vitória sobre as adversidades da vida.

Portanto, devemos começar a praticar **a oração dos vitoriosos** na qual sabemos o nosso papel de filhos de Deus, cremos no Poder do Criador e Determinamos pelo Pensamento a solução de nossa adversidade segundo nosso merecimento e misericórdia divina.

Aos Trabalhadores:

Em primeiro lugar, nós que trabalhamos na Seara do Mestre somos os primeiros assistidos da Casa Espírita e estamos em constante tratamento/assistência espiritual durante toda nossa vida. Dessa foram, tudo o que foi exposto para os assistidos, também serve para nós trabalhadores, afinal também sofremos as adversidades da vida.

No Espiritismo quando achamos que somos melhores do que os outros devemos voltar ao começo, para receber a assistência espiritual. Jesus nos deixou o exemplo lavando os pés de seus discípulos.

Nós trabalhadores da Casa Espírita temos o dever de ajudar os assistidos a desenvolverem a Fé por meio de várias medidas:

- Recepção do atendimento fraterno com entrevistas para ouvir o assistido, incentivar-lhe a ter Fé que Deus o esclarecerá e o auxiliará a vencer sua adversidade. Nessa ocasião devemos dizer-lhes que temos grande valor para Deus, devemos ter

Determinação e fazer um auto-exame para saber se já estamos fazendo nossa parte para que a Espiritualidade possa fazer a dela.

- Promover palestras evangélicas para dar esclarecimento, dar ânimo, consolo e fortalecer o assistido. Temas Doutrinários são importantes, mas para aquele que está em estado de emergência, a Fé, a esperança e a consolação valem mais. No pronto socorro não adianta o enfermeiro receber o paciente e discutir as teorias médicas. Este deve atender limpando as feridas, fazendo o curativo e dar o remédio para as dores. Depois disso o médico fará o diagnóstico para o tratamento definitivo. O Papel do trabalhador na Casa Espírita é o do Enfermeiro, pois o médico e Jesus.
- Calor humano: é chegado o momento de humanizar o espiritismo, é o momento de Atitude de Amor. Devemos tratar todos com carinho, amor, atenção e amor. Chega de tratamentos superficiais e anticépticos. O Olhar, o Sorriso, o Aperto de Mão, o Abraço e o Ouvir são formas eficientes de fazer a doação de bons fluidos para os assistidos

Em resumo, o Trabalhador da Casa Espírita deve receber o assistido, ouvi-lo e incentivá-lo a ter Fé. Deve promover palestras que esclareçam e consolem e, sobretudo, tratar a todos com humanidade.

Para encerrar este capítulo, trago ao leitor um texto do Espírito Leocárdio José psicografado por Mauri Rodrigues da Cruz que sintetiza bem o que trazemos neste capítulo:

A FÉ EM DEUS

A **fé** em Deus renova em todos os momentos toda energia do corpo e do espírito. É um laço que une o espírito ao seu Criador.

- Cria equilíbrio entre a consciência e a subconsciência.
- Desperta no nosso interior a alegria pela vida; conduz o espírito do homem ao Universo da existência.
- Liberta o ser humano da angústia, do temor, da miséria, da incerteza.
- É a base, o sustentáculo de todas as grandes obras.
- Fortalece a confiança do homem na sua capacidade de criar e sustentar o bem, a justiça, a verdade, a luz para o espírito.

A inteligência, a criatividade, se desenvolvem quando iluminadas pela **fé**, que é a luz de toda a verdade, a bússola da sabedoria.

A fé é o resultado do nosso conhecimento interior. Quanto maior for a nossa identidade com a fé, mais forte aparecerá em nossas vidas a felicidade. Os Evangelhos têm asseverado: "**Que tudo te seja feito segundo a tua fé**" A fé é a realização do homem no espírito, no mundo da consciência, é o crer para ser. Devemos caminhar em direção da nossa fé. Um abraço Amigo.
LEOCÁDIO JOSÉ - ("NO CENÁRIO DA VIDA" psicografada através do médiun Maury Rodrigues da Cruz Curitiba, SBEE, agosto de 1984).

6

Conclusão

A Fé é o elo que liga a criatura ao Criador. É o Combustível da vida que nos impulsiona para nossa Evolução. Ela é a bússola que norteia o rumo de nossa existência.

É chegado o momento de nos valorizarmos sabendo de nosso papel diante de Deus que não quer ver seus filhos tristes, abatidos e derrotados. Pelo contrário, Ele quer que sejamos vitoriosos vencendo todas as adversidades da vida e principalmente, vencendo nossas próprias imperfeições. É o momento de exercer a Fé Racional com determinação.

A Casa Espírita que adota seu emprego em seus trabalhos não abandona a pureza da Doutrina Espírita, pelo contrário, faz redivivo o Cristianismo do início da Era Cristã. Lembremo-nos da **Casa do Caminho** narrada por Emmanuel em *Paulo e Estevão*, uma casa que serve como modelo para a Casa Espírita atual, pois nela as pessoas eram recebidas com amor, carinho, sem cobrança alguma e lá recebiam o incentivo à Fé através do ensino do Evangelho.

O Espiritismo do Século XXI deve ser voltado para a sociedade ser mais humana e menos impessoal. A Fé Espírita pode exercer o importante papel libertador do homem, não apenas dos dogmas, mas também de si mesmo. Portanto, esta Fé constitui-se imprescindível ferramenta para nossa Reforma Íntima.

7

Bibliografia consultada

DENIZ, Leon. *Depois da Morte*.

CRUZ, Mauri Rodrigues. *No Cenário da Vida*.

CRUZ, Rodrigo Felix da. *O Espiritismo em Movimento*.

_____ *O Pensamento*.

KARDEC, A. *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1993.

_____ *Obras Póstumas*.

XAVIER, F. C. *Paulo e Estevão*

_____ *O Consolador*.

_____ *Vinha da Luz*.

Bíblia Sagrada – O Antigo e o Novo Testamento. Traduzido em Português por João Ferreira de Almeida, 87ª impressão. São Paulo SP, 1997. Editora Imprensa Bíblica Brasileira e Editora Vida.

INTERNET (pesquisas realizadas em 20.03.2011):

WIKIPÉDIA : pt.wikipedia.org/wiki/Fé

GUIA HEU: www.guia.heu.nom.br/fe.htm

INSTITUTO ANDRÉ LUIZ:

http://www.institutoandreluiz.org/estudo_sobre_a_fe.html

PORTAL LUZ ESPÍRITA – www.luzespirita.org.br - site espírita que possui excelente link para download de obras espíritas, como por exemplo, a Revista Espírita em língua portuguesa e recente publicação em Francês, Espanhol e Inglês.

A FÉ NA CASA ESPÍRITA faz uma análise histórica, científica e doutrinária sobre o emprego da Fé nas atividades da Casa Espírita. Ao contrário do que muitos pensam, tal emprego não constitui a contaminação da Doutrina Espírita com rituais oriundos de outras religiões. A Fé é o combustível de nossa vida, nossa bússola que nos guia rumo ao nosso objetivo existencial. A Bíblia, Kardec, Léon Denis e Emmanuel nos deram grandes subsídios para nós passemos a Viver pela Fé Racional.

Em **A FÉ NA CASA ESPÍRITA** o leitor encontrara sugestões para implantação da Fé Determinação na Casa Espírita em uma leitura simples que possa atingir a todos os públicos.

Do Autor:

RODRIGO FELIX DA CRUZ é bacharel e licenciado em Letras Português/Francês pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana e pela Faculdade de Educação da USP. Atualmente, dedica-se ao estudo da Doutrina Espírita escrevendo ensaios como *O Perispírito*, *O Pensamento*, *O Espiritismo em Movimento* e *A Música na Casa Espírita*, bem como a difusão da Música no meio espírita.

